

Ilhas de Croatã – A territorialidade de ações artísticas e espaços públicos

Ilhas de Croatã – A territorialidade de ações artísticas e espaços públicos

Richard Augusto Silva

Dorival Campos Rossi

José dos Santos Laranjeira

Resumo

Influenciada pelo movimento de contracultura Provos (1965), a narrativa poética Ilhas de Croatã apresenta uma breve análise sobre suas duas ações artísticas: na implantação experimental de uma bicicleta branca como transporte coletivo, público e livre, inserida no campus universitário da Unesp/Bauru; e na ação TRANSITOSensorium, reterritorializando uma cidade imaginária a partir de QRcodes espalhados pela cidade de Bauru, onde o usuário encontra um hibridismo entre as linguagens visuais, sonoras e escritas. A pesquisa relaciona a ideia de território por meio de uma relação entre espaço e poder, elencando as concepções de Psicogeografia – estudo de ações afetivas no espaço coletivo e Zonas Autônomas Temporárias. Trata-se de um estudo experimental, com a inserção de novas tecnologias.

Palavras-chave: Território; Ações; Apropriação; Desterritorialização e arte.

Abstract

Influenced by the counterculture movement Provos (1965), the poetic narrative Islands of Croatan presents a brief analysis of its two artistic actions: in the experimental implementation of a white bicycle as collective, public and free transportation, inserted in the campus of UNESP/Bauru; and in TRANSITOSensorium action, deterritorializing an imaginary city from QRcodes throughout the city of Bauru, where the user finds a hybridity between visual, sound and written languages. The research relates the idea of territory through a relationship between space and power, listing the concepts of Psychogeography - the study of affective actions in collective space and Temporary Autonomous Zones. This is an experimental study, with the insertion of new technologies.

Keywords: Territory; Actions; Appropriation; Deterritorialization and art

ISSN: 2175-2346

1. QRcodes: (*Quick Response*) é um tipo específico de código de barras (em 2D) que é lido por scanners dedicados que são comumente conhecidos como leitores de QR Code. Estes códigos são lidos por smartphones e tablets. A informação que pode ser embutido nesses códigos podem ser url, texto, dados, sms pré-formatados. <http://elemento.com/pt/o-que-e-qr-code>, Acesso em: 25 jun. 2013.

2. QRcodes: (*Quick Response*) is a specific type of barcode (2D) that is readable by dedicated scanners that are commonly known as QR Code readers. These codes are read by smartphones and tablets. The information that can be embedded in these codes can be url, text, data, sms preformatted. <http://elemento.com/pt/o-que-e-qr-code>, Access: June 25th, 2013.

Introdução

No final da década de 1960, a articulação entre movimentos sociais, mobilizações estudantis e o surgimento da contracultura, bem como a sua influência, resultaram em propagações nas relações de práticas artísticas com práticas políticas. Sucedeu então a formação de grupos, coletivos e movimentos, caracterizados por um ativismo político e artístico. Levantaram-se assim questionamentos sobre o território coletivo referente ao espaço público, aos hábitos culturais e às ações artísticas no meio urbano e elaboraram-se propostas em relação a isso.

Influenciada pelas concepções dos grupos Provos (1965) e Situacionismo (1957), surgidos no contexto do parágrafo citado acima, esta pesquisa propõe externar a ideia de território numa relação entre espaço e poder, utilizando para tanto a narrativa poética denominada “Ilhas de Croatã”. Discorre então sobre um processo artístico no qual a cidade se apresenta como plataforma, e o virtual, como camadas de interface mediando ações artísticas e território coletivo no contexto contemporâneo.

As ações interventivas das Ilhas de Croatã relacionam de forma poética a arte e o espaço público manifestados numa Zona Autônoma Temporária. A proposta faz alusão ao mito de Croatã, sendo a narrativa construída como interfaces de extensões territoriais (ilhas), conectadas com Croatã, cidade imaginária.

As ilhas são projetadas como zonas de espaço-tempo, de caráter artístico em ruas, esquinas, praças públicas, territórios de aglomerações nas cidades, por meio de códigos de barra conectados com narrativas hospedadas na plataforma virtual da intervenção, dentro Campus Universitário da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, na cidade de Bauru, mediante o uso de uma bicicleta branca, livre e pública.

Busca-se compreender as atividades sociais na contemporaneidade associadas com ações artísticas no campo social, entendendo o envolvimento entre arte, público e território, suas concatenação e multiplicidades, apresentando um modo de conhecimento do sujeito atual, que concebe novas formas de se apropriar do território.

O território e suas interfaces

Como constitui o território?

Ao abordar a concepção de território, obtém-se uma relação intrínseca entre espaço e poder; na medida em que se apresenta o exercício do poder sobre determinado espaço, ele se transforma em território, onde acontece a territorialização. Os campos territoriais, além de espaços físicos e geográficos, são também jurídicos, sociais, culturais e subjetivos. Segundo Haesbaert (2005, p.3), o território é uma base natural de reprodução, composto por conjuntos de lugares conectados a itinerários.

De acordo com Rogério Haesbaert (2005, p.2), a etimologia da palavra território obtém uma dupla conotação, material e simbólica como terra-territorium e terreo-territor (terror, aterrorizar), sugerindo a denominação uma dominação jurídica e política da terra com inspiração do terror, do medo; principalmente aqueles que não detêm o domínio são impedidos de entrar no território, entretanto os privilegiados de usufruí-lo conseguem sua efetiva apropriação. O poder é estabelecido tanto no

sentido simbólico de apropriação, quanto no sentido concreto, de dominação. Segundo Lefebvre (2006, p.411), a apropriação acontece pela posse, através de um processo simbólico, relacionado ao vivido, do valor de uso, e a dominação (propriedade), ao sentido funcional vinculado ao valor de troca.

O Estado e as Instituições privadas buscam a apropriação e a domínio dos territórios como meio de relações de poder, que provém de acesso, uso e controle, formulado por realidades visíveis na vida cotidiana, hierarquizada e subdividida por classes econômicas, sociais e culturais.

Portanto, o Estado codifica o território criando cartografias de controle, que detêm o poder sobre as diversas constituições de espaço e determinam a inclusão ou exclusão do sujeito, subordinado ao domínio territorial do Estado.

O território constitui poder no/pelo movimento, e também na criação e organização de sociedades compostas em três elementos, malhas, nós e redes, sendo a relação espaço-tempo indissociável. No contexto contemporâneo, apresenta-se a reconstrução do conceito de território: constituído entre território zona, estabelece o controle de processos pessoais e territórios redes, caracterizados pela mobilidade e controle de fluxos e pontos de conexão, segundo Rogério Haesbaert (2005, p.02). A apropriação de um espaço coletivo permite vivenciar o território em sua multiplicidade, em que as relações de poder mediada pelo espaço incluem o poder simbólico.

No livro "Mil Platôs" (1995) dos autores Gilles Deleuze e Félix Guatarri, o conceito de território é definido como o nascimento da arte, determinada pelo campo do ter, das propriedades e posturas. O termo desterritorializar parte de um movimento, de processos de mobilidade e de um não lugar, composto por limiares de intensidades que formam uma trama, segundo os autores, denominado rizoma.

Os rizomas são formados por dimensionalidades; conectados ao território sem pontos fixos ou de ordem, operam em aberto, com multiplicidades de entradas e saídas, surgindo pelos meios, sem início e fim. Os rizomas não obtêm concepções dicotômicas ou dualistas, são compostos por estrutura horizontal, que desenvolvem suas dimensões na medida em que a natureza amplia suas conexões.

O movimento de desterritorialização surge do centro para as camadas periféricas, atravessando os estratos³. As formas e matérias se codificam e descodificam através de códigos que, multiplicados, ficam expostos a modificações. Os códigos sofrem processo de mutação, em que se territorializam e desterritorializam como ondas e fluxos em movimento, migrando do centro para regiões periféricas, reterritorializando novos centros reconstituídos, (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.26).

Os termos não são correspondentes, o código pode ser desterritorializado, assim como a descodificação ser uma reterritorialização. Todo código possui complementos capazes de variar livremente, sendo os códigos territoriais que demarcam as zonas de ações, percepções e vivências, derivando numa lógica zonal conectadas em rede composta por meio de uma concepção rizomática.

13. Estratos: "...quer dizer um fenômeno de acumulação, de coagulação, de sedimentação que lhe impõe formas, funções, ligações, organizações domi-

nantes e hierarquizadas, transcendências organizadas para extrair um trabalho útil. Os estratos são liames, pinça." (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.21).

“A vida social precisa de “territórios” para existir (leis, instituições, arquiteturas), mas o vitalismo só existe a partir de tensões desterritorializantes que impulsionam e reorganizam esses “territórios”. A vida social deve ser entendida como mobilidade e fluidez e não como arquitetura fechada (poder, classe, instituições). A dinâmica da sociedade se estabelece mais por movimentos de fuga do que por uma essência imutável das coisas. O que interessa são processos, dinâmicas des-re-territorializantes que marcam o social.” (LEMOS, 2006, p.4).

As estruturas e espaços arquitetônicos apresentam variadas interpretações como funcional, estilístico, histórico, afetivo, entre outros. Todas estas análises produzem narrativas de subjetivação parcial, por exemplo: favelas, bairros e comunidades periféricas impulsionam determinados afetos cognitivos decorrentes do espaço e, de acordo com Guattari (1992, p.159), “[...] as interações entre o corpo e o espaço construídos se desdobram através de campos de virtualidade cuja complexidade beira o caos [...]”

Os meios interventivos em territórios geográficos influenciam o comportamento afetivo na vida social e nos múltiplos processos de mapeamentos e criações cartográficas, as quais permitem indicar em mapas subjetivos as inclusões sociais, culturais, poéticas, psicossociais, de mobilidade, elucidando um processo de conexão entre corpo singular e coletivo.

De acordo com Deleuze e Guattari (1995, p.21), o mapa é constituído de malhas dimensionais abstratas, linhas de segmentaridade, que não mudam suas dimensões sem antes modificar sua natureza, sem começo e sem fim; entretanto se desenvolvem pelos meios, como um múltiplo sem se desconectar do universo, buscando espaços, zonas, territórios livres e abertos como elemento de expansão da mente humana. A supercodificação do espaço é intervencionado pelo fechamento do mapa, adquirido pela inexistência do território, que emerge das cartografias de controle.

As ações e relações humanas decorrentes de um processo de desterritorialização – a aplicação do poder em determinado espaço direciona-se para a abertura do mapa expandindo suas conexões de campo bloqueadas pelas falsas representações do ser e sentir e o pensamento – constituem-se nesse processo, relacionando a criatividade como meio para romper territórios existentes, e criando outros.

A internacional situacionista: A cultura? Mas essa é a mercadoria ideal, que obriga a comprar todas as outras. Não é estranho que você queira onferecê-las a todos.

A cultura, a arte, o urbanismo – quando caracterizados pela composição de sentimentos, criatividade, vivências e coletividade, potencializada pelos valores da vida cotidiana na construção de territórios coletivo principalmente em espaços públicos – levantavam uma série de concepções e indagações apresentadas pelo Movimento Internacional Situacionista (1957).

A Internacional Situacionista era composta por um grupo de ativistas, artistas e pensadores que promoviam em suas ideias e ações a participação ativa do indivíduo na sociedade, principalmente no campo cultural. O grupo foi fundado por Guy Debord e integrantes como Asger Jorn, Ralph Rumney, Constant, Max Bill e Raoul Vaneigem. Destinavam fortes críticas ao urbanismo e à produção cultural consumista.

Acreditavam na descentralização da arte, em que o objetivo da obra de arte era de intervir no cotidiano e revolucioná-lo, rompendo com os âmbitos e circuitos fechados da arte promovidos pela elite social; afirmavam a necessidade de renovação artística no sistema de arte em sua relação com o público. (BERENSTEIN, 2003, p.72).

“Nosso campo de ação é, portanto a rede urbana, expressão natural da criatividade coletiva, capaz de compreender as forças criadoras que se libertam com o declínio de uma cultura baseada no individualismo.” (BERENSTEIN, 2003, p.114)

Para os Situacionistas (1957), as intervenções artísticas permitem a vivência concomitante de múltiplos territórios, como meio de descobertas do espaço e de suas potencialidades, necessitando de uma organização coletiva e reconhecendo as melhores possibilidades de dominar a natureza, para propor maior liberdade. Definiam o território como transformação pelo desejo de ser, descobrindo em seu movimento o corpo quanto indivíduo e coletivo⁴, criados por possibilidades entre desejos e espaços, por meio de experimentações e processos de criações artísticas. Assim criam-se novos ambientes efêmeros, vivenciados por situações psicogeográficas, termo no qual denominavam suas ações artísticas no espaço público (GUATTARI, 1992, p.20).

A psicogeografia busca a participação ativa do sujeito em constante vivência, incorporando e manifestando suas emoções no espaço coletivo, transcodificando-se, desterritorializando e se reterritorializando de uma rede de signos para uma rede de órgãos, segundo Deleuze e Guattari (1995). Desagregado de sua identidade física, o corpo sofre metamorfose e flutua livremente, intensificado por seus desejos e vivências.

A psicogeografia propõe intervenções projetadas no campo geográfico e atividades variáveis, intervindas pela arte com efeitos planejados ou não, que operam diretamente no comportamento afetivo das pessoas. Suas ações estudam o espaço urbano de preferência público, com objetivo de mapear e projetar relações afetivas no território. Na medida em que o exercício do poder acontece por meio de ações coletivas, estabelecem em potencial as possibilidades das criações de novos mapas afetivos, cartografias subjetivas e territorialidades (Deleuze; Guattari, 1995, p.21).

De acordo com Berenstein Jacques (2003), a deriva é o exercício prático da psicogeografia, elaborada a partir da exploração dos espaços urbanos. Construíram-se assim labirintos ambientais, que permitiam uma vivência artística e sensorial, de caráter lúdico e experimental, referente às condições social-urbanas. Conduzida pela fruição de trajetos indeterminados, os espaços psicogeográficos da cidade tornavam-se os articuladores. Os espaços públicos eram transformados em cenários de flutuações coletivas, difusas de itinerários, compostas por intervenções urbanas que proporcionam novos meios de se apropriar do território.

Além de os situacionistas discordarem da passividade social, também levantavam fortes críticas ao espaço urbano, tendo como concepção o território, fundamental para estímulo de ações que rompessem com a monotonia da vida cotidiana. A construção de situações impulsionava atividades práticas, construídas por um ter-

4. Coletivo: “Com efeito, o termo “coletivo” deve ser entendido aqui no sentido de uma multiplicidade que se desenvolve para além do indivíduo, junto ao *socius*, assim como aquém da pessoa, junto a intensidades pré-verbais,

derivando de uma lógica dos afetos mais do que uma lógica de conjuntos bem circunscritos. (GUATTARI, 1992, p.20)

ritório coletivo, unitário, através de jogos de acontecimentos e com o objetivo de revolucionar as situações momentâneas da vida.

Os situacionistas propõem uma modificação nas estruturas e nas relações sociais, como apropriações de valores subjetivos, e nas manifestações dos desejos e emoções, tendo como processo criativo ações que estimulem potencialidades na constituição de novos territórios e em seus movimentos. O grupo utilizava como concepção dinâmica do espaço a ideia de labirinto, associado a uma organização mental, que possibilita um processo de criação pautado na deriva, eminente na mobilidade dos trajetos e nos fluxos, opondo-se a estruturas estáticas, ortogonais de pontos fixos. Deste modo, a influência das relações afetivas no espaço urbano associada com a arte, urbanismo e vivências experimentais, contrapõe a ideia de território estabelecido por uma cultura de consumo, hábitos de uma vida programada e fragmentada em classes, excluindo o sujeito na maioria das vezes ao invés de integrá-lo.

Provos de Amsterdã

O grupo Provos (1965), fundado por Robert Jasper Grootveld, Roel Van Duyn e Rob Stolk em 1965 na cidade de Amsterdam, utilizava a arte associada a vivências no espaço público e na criação de territorialidades, intervindo no cotidiano como meio de desprogramação social, alterando a percepção de realidade material e desenvolvendo uma consciência coletiva (GUARNACCIA, 2001, p.66).

O nome do grupo se originou da palavra provocação, tendo como objetivo influenciar diretamente a política, utilizando a imaginação como instrumento de luta contra o poder do Estado, e tendo como objetivo a vazão a criatividade como meio de contestar concepções reacionárias quanto aos hábitos sociais promovidos pelo sistema capitalista. De acordo com Guarnaccia (2001), o grupo Provos integralizava manifestações artísticas por meio de ações políticas, provocando o público, o Estado e instituições privadas, questionando assim o poder político e a ideia de democracia numa sociedade estruturada por uma enorme desigualdade social.

Segundo Guarnaccia (2001), o grupo Provos indagava a ruptura da arte com as instituições artísticas, as quais favorecem o acesso à sua produção apenas para a elite social. Os integrantes do Provos tinham em seu engajamento político a proposta de democratização no sistema de arte, direcionando ações artísticas em espaços coletivos, aberto, estimulando o encontro e novas experiências sociais, em que suas ações artísticas eram correlacionadas com práticas políticas, contestando a participação do público na construção política nas práticas de governo do Estado.

Uma das ações políticas utilizadas pelo grupo Provos foi o Plano das Bicicletas Brancas, visto de maneira subversiva pelas instituições privadas, indústrias automobilísticas e Estado. O projeto era de caráter ecológico, no qual propunha a bicicleta como transporte coletivo, gratuito, com o objetivo de descentralizar os engarrafamentos e problemas de mobilidade urbana no trânsito do centro da cidade de Amsterdam. Permitia apenas o deslocamento de táxis e meios de transporte coletivo públicos, funcionando com motores elétricos, tendo velocidade máxima de quarenta quilômetros por hora.

Devido às ações acontecerem com maior frequência no período noturno, usava o branco para dar maior visibilidade. O grupo também propõe à prefeitura adquirir vinte mil bicicletas brancas ao ano, como forma de integração do transporte público, e a voluntários oferecer suas próprias bicicletas, para serem pintadas de branco. A implementação das bicicletas brancas no espaço urbano proporcionou uma nova percepção de cidade, espaço, alterando o movimento territorial em seu uso e na prática de ações colaborativas entre os usuários.

Segundo Guarnaccia (2001), o Estado rejeitou a proposta, confiscando todas as bicicletas brancas que o grupo Provos colocou à disposição na cidade de Amsterdam. Deste modo, o Estado apropria-se do território como espaço de dominação política, exercendo controle no seu fluxo de movimento, interferindo de maneira repreensiva nas propostas do grupo, não permitindo o diálogo com a população, favorecendo assim apenas seus interesses.

Zona autônoma temporária

Hakim Bey (2001), autor do livro "T.A.Z.: Zona Autônoma Temporária", propõe aventuras poéticas e libertárias de manifestação e apropriação da arte constituída no território coletivo, explorando experimentações lúdicas, relacionando os conceitos de psicogeografia e a prática da deriva. Para o autor (2001), o artista não é um indivíduo especial de pessoa, mas sim toda pessoa é um tipo especial de artista, potencializado pelos fatos e vivências, que estabelecem sua condição de vida; é sujeito a processos criativos de conceber a vida e seus meios de reinventá-la.

Bey (2001) explica que a T.A.Z. são zonas de espaço-tempo e imaginação, composta de modo rizomático entre suas intervenções coletivas, por blocos de sensações e vivências libertárias subversivas, descodificando os campos de poder e controle do Estado, no qual a T.A.Z. acontece muitas vezes de forma subversiva e clandestina. Para o autor, teoricamente no mundo não existem territórios livres de impostos e leis, todos os espaços foram cartografados pelo Estado-Nação ou instituições de poder e controle.

Quando os mapas do território e de suas interfaces estão fechados, são abertos pela T.A.Z. invisivelmente, por intermédio da psicotopografia, que mostra pontos de poder e controle nos mapas fechados, penetrando nas malhas abstratas de suas dimensões fractais. Busca assim territórios geográficos, sociais, culturais e imaginários que operam em aberto, liberando zonas de espaço-tempo livres e abertas para projetar mapas dimensionais modelados pela criatividade da mente humana, reinventando o espaço coletivo e permitindo reconexões com o espaço e suas múltiplas territorialidades.

A T.A.Z. é potencializada por fluxos afetivos antagônicos aos padrões normativos estabelecidos pelo Estado. As zonas de espaço-tempo iniciam com simples ações perceptivas, liberando determinada área territorial sobre o espaço em que as ações acontecem, de modo provocativo, estético, festivo, lúdico e artístico, proporcionando uma descontinuidade no cotidiano social, de modo passivo para modo ativo, na qual direcionam suas ações a consciência humana através de Terrorismo Poético (BEY, 2001, p.11).

Um dos princípios da T.A.Z. não é confrontar o Estado diretamente, mas sim ter seus focos segmentados nas ideias. A criação de uma rede de informação é funda-

mental para estabilidade da T.A.Z., como a construção de uma localização na Web, como forma de mediação entre sua existência imediata e seus subsídios informacionais. A arte para Bey (2001) deve se manifestar através da T.A.Z., espaço no qual, segundo o autor, pode se afastar o status social e mercadológico que ainda possui.

Portanto, na T.A.Z. as relações entre arte e território são proporcionadas na intenção de transformar ações que estimulem o convívio entre as diferenças socio-culturais. Apresenta-se uma percepção de liberdade na construção de relações afetivas que mudam estruturas de realidades instituídas, as quais controlam o fluxo de informação, com concepções totalitaristas de sociedade, promovidas por uma visão hegemônica que contribui para a manutenção dos interesses do Capital. Na T.A.Z. as relações de poder são direcionadas ao potencial da arte como conexão com o território, como meio de reinventá-lo e explorar as potencialidades da vida.

O mito de Croatã

No quinto capítulo do livro “T.A.Z. Zona Autônoma Temporária”, Hakim Bey (2001) contextualiza alguns protótipos, como se fossem arquétipos de zonas de espaço-tempo e imaginação, a partir da descoberta do Novo Mundo e dos séculos XVI e XVII.

O projeto para descoberta do Novo Mundo (a América) foi elaborado pelo Imperialismo Europeu, concebido como uma operação ocultista do mago John Dee, consultor espiritual da rainha Elizabeth I.

A visão alquímica sobre o Novo Mundo era relacionada à concepção de matéria-prima, que permeava os significados e conceitos sobre o hyle (o nada), etimologia da palavra “matéria” no latim, no “Estado da Natureza”. Descobre-se na matéria o princípio de sua essência se transmutando em ouro, perfeição espiritual e em abundância material (BEY, 2001, p.18).

Quando chegaram ao Novo Mundo (a América), os europeus se surpreenderam ao encontrar não apenas a grande quantidade de matéria-prima, como também o homem em seu estado natural (o índio). Este, como parte eminente da natureza, não apenas a preserva como também convive com ela em plena harmonia, sem nenhuma atividade destrutiva quanto ao sistema natural do seu habitar; o índio é então um homem ainda não corrompido por nenhum Estado (governo), poder monetário e ambições.

“Caliban, o Homem Selvagem, é instalado como um vírus dentro da própria máquina do Imperialismo Oculto. Floresta/animais/seres humanos são investidos desde o início com o poder mágico do marginal, do desprezado e do proscrito. Se por um lado, Caliban é feio e a natureza é uma “imensa selvageria”, por outro, Caliban é nobre e livre e a Natureza é um Éden.” (BEY 2001, p.18)

O contexto histórico citado no parágrafo acima refere-se à descoberta da América, o Eldorado, “fonte da juventude”, dando início ao processo de colonização no continente americano. Bey (2001, p.18) levanta questionamentos quanto ao mito de Croatã, contestando a história sobre o a primeira tentativa de colonização em Roanoke, relatada nos livros históricos; houve então massacre na primeira tentativa dos colonos ao encontrarem uma tribo de índios de olhos cinzentos, deixando apenas a mensagem críptica “Fomos para Croatã!”

Segundo Bey (2001, p.18), os índios de Croatã eram amigáveis e se relacionaram com a primeira colônia, que renunciou ao seu vínculo com o Império Europeu, mudando-se com os índios da região litorânea para o interior do território, em direção ao pântano sombrio da Ilha da Tartaruga.

Ao renunciarem ao Império e se juntarem aos “Homens Selvagens” (Índios de Croatã), fizeram com que a primeira expedição de colonos se deserdasse do Império Europeu, desvinculando-se de leis, tributos, ordens, entre outras normas e restrições com o poder do Estado. Ao tomarem esta atitude, os colonos tornaram-se selvagens, índios, nativos e homens livres: “...optaram pelo caos em detrimento dos atrozes sofrimentos de servir aos plutocratas e intelectuais de Londres.” (BEY, 2001, p.19).

Com o surgimento dos Estados Unidos, após a colonização da Ilha da Tartaruga, Croatã permanece no imaginário coletivo na América, de acordo com Bey (2001).

Desde então, toda renúncia às normas e leis do Estado, dogmas da Igreja e do sistema capitalista, quanto a trabalho, impostos e dinheiro, sempre foi uma tentação de abandonar o mundo “civilizado” e conviver no mundo selvagem.

No filme “Into to the Wild” (Na Natureza Selvagem, 2007), dirigido pelo diretor artístico Sean Penn, faz-se a relação com a tentativa de renúncia ao Estado e a seu sistema social estabelecido por Instituições de poder e controle. O roteiro do filme é baseado nos escritos de Christopher McCandless (1990), jovem de vinte e dois anos que, ao concluir sua formação acadêmica na Universidade, doa todo seu dinheiro para uma instituição de caridade, abandona a vida civilizada da cidade, e sai em busca de novas viagens buscando transcender o materialismo social.

O objetivo de Christopher era chegar ao Alasca e viver na natureza selvagem em comunhão entre a relação homem e natureza. No entender de Bey (2001), o “Estado da Natureza” ainda existe e sempre existirá no imaginário coletivo; mas para as Instituições de poder e controle como o Estado, esta ação sempre será vista como um risco perante o sistema estatal e capitalista.

As ilhas de Croatã - a cidade imaginária

As pessoas deslocam-se no território urbano como mercadorias, de casa para o trabalho, do trabalho para casa, quando alternam seus trajetos, direcionam-se para mercados, shopping ou instituições que promovem o consumo e entretenimento.

Os processos neoliberais de globalização contribuem para a privatização do espaço público, onde a ideologia do medo ocupou as vias e espaços coletivos, causado por desocupação dos espaços urbanos e gradativamente esvaziados pela presença de pessoas. A gradual eliminação dos indivíduos dos espaços públicos urbanos é potencializada por um crescente isolamento em seus interesses privados.

Para o filósofo e literário Henry David Thoreau (2010), a individualidade encontra-se na unidade. Para o autor, a civilização necessita de uma região inculta, na qual todos precisam de um estado selvagem, através de experiências que transcendam a realidade apenas física por meio de uma consciência intuitiva.

No livro “Walden”, Thoreau (2010) levanta questionamentos sobre a visão materialista do homem civilizado em relação ao primitivismo da natureza, argu-

mentando quanto à sensibilidade de se redimensionar perante os valores e princípios da natureza selvagem.

No Estado da Natureza, Thoreau (2010) busca compreender o próprio homem, que não apenas cultiva o campo geográfico, mas também o pensamento sociocultural, restabelecendo uma nova visão de convívio do sujeito com seus meios de vivência e campos habituais.

De acordo com Deleuze e Guattari (1995), é no estado da natureza que o indivíduo começa a conhecer a si mesmo, a singularidade e os sentimentos que permeiam o universo, perdendo qualquer vínculo com a “identidade”, civil e política, e começa a agir pelos seus sentimentos, afetos e intensidades. Voltam ao estado na natureza, seres primitivos, sem identidade e ambições, criando para si um corpo de potência.

Como chegar a Croatã? A mobilidade e a fluidez no mundo contemporâneo têm rompido muitas fronteiras territoriais constituídas por classes hegemônicas que limitam a construção de um território coletivo e unitário, que permita de modo integralizado a convivência entre as diferenças econômicas, sociais e culturais, rompendo as desigualdades que deterioram a vida social. As limitações impostas pelas fronteiras estabelecem uma cartografia de poder e controle sobre o território, inibindo seu acesso, meios de apropriação, liberdade criativa nas relações e vivências interpessoais.

Assim, analisando a ideia de território como relação de espaço e poder, apresentado nos conceitos de psicogeografia do Movimento Internacional Situacionista (1957) e T.A.Z. Zona Autônoma Temporária do autor Hakim Bey (2001), este trabalho propôs uma narrativa poética denominada Ilhas de Croatã, como meio de desenvolver uma pesquisa teórica e prática, por intermédio de ações intervencionais construídas por um imaginário coletivo, elencando os conceitos citados.

A proposta faz alusão ao mito de Croatã, a narrativa poética se constrói como interfaces de extensões territoriais (ilhas), que se conectam com Croatã, cidade imaginária e no imaginário coletivo, permitindo o Estado da Natureza. As ilhas são projetadas como zonas de espaço-tempo, conectadas às ruas, esquinas, praças públicas, territórios de aglomerações nas cidades, permitindo a vivência, o diálogo e a experimentação.

O projeto “Ilhas de Croatã” tem como objetivo apresentar um novo meio perceptivo e sensorial de se apropriar do espaço coletivo, intervindo no território. Constituir assim uma Zona Autônoma Temporária, fundamental para práticas poéticas, usando práticas artísticas como conexão entre o público e a forma de ressignificar o espaço; extrair então do sujeito o encontro com o “Estado da Natureza”, desmitificando pelo mundo civilizado, capitalista e individualista.

As “Ilhas de Croatã” provêm de ações vivenciais, de forma provocativa e questionadora, quanto ao cotidiano-cárcere da cidade, buscando potencializar este estado vivencial de liberdade. A narrativa poética se constrói em duas ações intervencionais no espaço urbano, denominadas TRANSITOSensorium (Trânsitos Sensoriais) e TRANSITOSitus (Situações Transitórias).

As relações da arte com o território operam em aberto a novas conexões no espaço, incorporando diferentes mídias, agenciado por um sistema dinâmico, com relações constantes entre arte, público, ficção e narrativas. Desse modo, as ações artísticas tornam-se fluidas e processuais, abertas à inclusão das atuações e

interações do público na participação do processo artístico em que a arte torna-se parte eminente no campo social.

TRANSITOSensorium (Trânsitos Sensoriais)

É necessário poesia na vida e no cotidiano, proporcionando a arte momentos de conexão com os sentimentos e emoções nas relações humanas, provocando assim uma reflexão crítica e uma reconexão do sujeito com o espaço no qual está inserido.

A ação TRANSITOSensorium (Trânsitos Sensoriais) sugeriu uma inserção poética em espaços públicos de alto fluxo de transeuntes na cidade de Bauru, estado de São Paulo. Desenvolvendo uma produção de áudios sensoriais, poesias visuais e narrativas poéticas, sejam inseridos como impressos de QR Codes ou codificados e hospedados no site do projeto, estabelecem pontos de conexão no espaço projetado; constroem assim um meio de constituição de um território-rede, que permite uma interferência poética no fluxo de informação e acesso no território. As intervenções tiveram como objetivo criar territórios psicogeográficos, composto pela interação dos participantes em diálogo com a composição no cenário virtual; designam codificações no território, além de suas estruturas funcionais e visíveis.

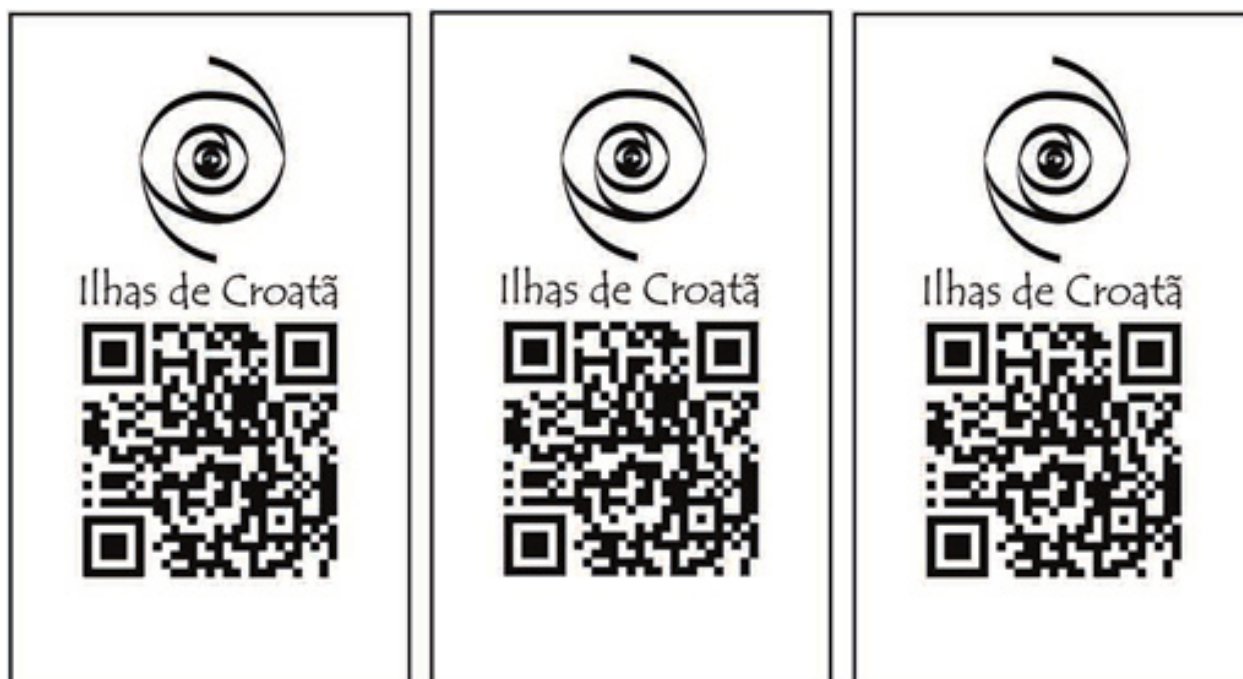


Figura 1: QRCode – Ilhas de Croatã (2013)

As poéticas utilizadas na intervenção com QRCode estão hospedadas no sites do projeto "Ilhas de Croatã", no endereço virtual <http://ilhascroata.tumblr.com/>. A plataforma virtual permite formar uma relação rizomática entre as narrativas e território, construindo também um mapa afetivo, elencando os pontos de conexão entre o discurso poético e difundindo uma convergência midiática entre as linguagens escrita, sonora e visual, como meio perceptivo e sensorial de ressignificação do território coletivo.

Sendo assim, a proposta emerge como um movimento de desterritorialização, derivando pelas vias da cidade e interferindo no ambiente social, como meio de criar situações de experiência, no intuito de transformá-las em energia de produção e reterritorializando territórios poéticos. Permite uma cultura híbrida de conectividade por meio de um mapa em aberto entre as interfaces fechadas e pragmáticas do cotidiano urbano da cidade.



Figura 2: Layout de Plataforma Virtual (2013)

O endereço virtual da narrativa “Ilhas de Croatã” foi hospedado na plataforma de blogging Tumblr, que permite postagem de áudios, vídeos, textos e diálogos. Foram criados vinte e seis links de QR Codes conectados ao site <http://ilhascroata.tumblr.com/>, elaborados pelo dispositivo Google URL Shortener⁵.

Foram impressos três códigos de QR Code por link, setenta e oito QR Codes, que intervieram nos espaços Vitória Régia, Praça do Líbano, Praça Rui Barbosa, Praça da Paz, Praça das Cerejeiras, Transportes Coletivos, Unesp/Bauru, Teatro Municipal Celina Neves, entre outros pontos de encontro e passagem na cidade de Bauru.

5. Google URL Shortener: Aplicativo da Google de acompanhamento e compartilhamento de URL em QR Code, link: <http://goo.gl/>, acessado em: jun. 2013.



Figura 3: QRCode “Ontem Voei” na Praça da Paz, Bauru-SP (2013).

O dispositivo permitiu analisar o acesso dos QRCode, demonstrando a frequência do uso, como na imagem abaixo, que mostra os vinte e oito clicks referentes ao período, mês, semana e local, o que possibilitou distinguir como em determinados lugares ocorreu a interação do público com as intervenções. Durante os três meses de intervenção, o Google URL Shortener computou duzentos e cinco acessos nos vinte e seis links de QRCode na plataforma Tumblr-Ilhas de Croatã.



Figura 4: Aplicativo Google URL Shortener – Ilhas de Croatã (2013).

Os áudios foram compostos pelos softwares Soundation e Fruity Loops Studio, programas livre e online utilizados por Sound Design. Foram anexados às plataformas Youtube e SoundCloud, para depois serem conectados com o link no endereço virtual das “Ilhas de Croatã”.

A ação buscou explorar relações afetivas entre narrativas poéticas e espaço público, como meio de criar territórios coletivos, potencializados por intervenções artísticas, apresentando outras perspectivas na relação entre espaço e poder, transformando ações que mudam estruturas de realidades instituídas, criando assim territórios descontínuos aos transeuntes, de forma provocativa, lúdica, crítica e reflexiva quanto às experiências de trânsitos e vivências numa Zona Autônoma Temporal.

TRANSITOSitus (Situações Transitórias)

A intervenção faz referência ao Plano das Bicicletas Brancas do grupo Provos de Amsterdã em 1965, ressignificando e transformando projeções temporárias, como princípio de transgressão experimental.

O Plano das Bicicletas Brancas visava ao uso da bicicleta como transporte coletivo, de caráter ecológico, colocado como crítica às indústrias automobilísticas, fechando o centro da cidade de Amsterdã para o fluxo de transporte privado.

Os integrantes do grupo Provos (1965) compartilhavam a ideia de imaginário coletivo, utilizando a criatividade como ações de críticas e provocações ao Estado e Instituições de poder e controle, visando ao desenvolvimento de uma consciência coletiva, como forma de criar novas percepções e realidades.

A ação TRANSITOSitus propõe a implantação experimental do uso de uma bicicleta branca, de caráter público e livre, no período de dois meses, inserida no campus universitário de Bauru da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.



Figura 5: Ação TRANSITOSitus (2013).

O uso da bicicleta é livre, utilizada por qualquer pessoa presente no campus universitário, apenas é exigido colocar a bicicleta em alguns pontos visíveis, de fácil acesso, devido às dimensões geográficas do campus universitário da UNESP, de acordo com o alto fluxo e deslocamentos entre discentes, docentes e servidores.



Figura 6: Mapa do Campus Universitário da Unesp/Bauru.

A bicicleta foi doada pelo autor do projeto, e revisada a cada quinze dias, não cabendo à Universidade se responsabilizar pela sua fiscalização, manutenção e situações de furto ou roubo.

O participante que interagir com a ação não será responsabilizado caso ocorra algum acidente de percurso. Uma placa informativa e de reconhecimento do veículo foi anexada à bicicleta, contendo as normativas de seu uso. Também foi divulgada na lista de e-mails da Faculdade de Ciências, Faculdade de Engenharia e Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação na Unesp/Bauru.

A ação se efetiva como uma atualização ao Plano das Bicicletas Brancas, em consequência de uma hegemonia do transporte motorizado individual, decorrente dos tempos atuais no Brasil consolidado pela Indústria automobilística, refletindo as áreas urbanas transformadas em vias de passagens, que se sobrepõem às calçadas e locais de encontro e circulação de pedestres.

Após a redução do Imposto dos Produtos Industrializados (IPI) sobre a compra de carros, sancionado em maio de 2012, o governo federal potencializou de modo expressivo o aumento da frota de automóveis nas ruas das cidades, refletindo-se nos horários de alto tráfego um colapso no trânsito.

O projeto pretende apresentar uma nova percepção territorial do espaço coletivo, por meio de movimentos de desterritorialização, implementando o uso da bici-

clética como alternativa de mobilidade urbana, um dos principais temas pautado nas discussões sobre desenvolvimento sustentável nas grandes cidades.

A intervenção traz um meio democrático, político e social na relação da arte com o público, não restringindo ou privilegiando nenhuma pessoa no Campus Universitário da Unesp/Bauru, cujo espaço é público e hierarquizado por títulos e cargos, estabelecendo uma relação horizontal entre reitor, diretores, docentes, servidores, discentes e visitantes, transformando-se, durante o projeto, num espaço homogêneo e rizomático.

Também de caráter ecológico, a ação TRANSITOSitus promove ações colaborativas entre usuários, permitindo relações interativas com o fluxo de transeuntes, alterando a temporalidade no território-zona no campus universitário da Unesp/Bauru. Derivando de sua ação, produziu-se um vídeo arte, registrando as vivências de alguns participantes que utilizaram a bicicleta pública, presente no endereço virtual: <https://vimeo.com/100800170>.

Manteve-se em aspectos estéticos a cor branca na bicicleta como nos Planos das Bicicletas Brancas do grupo Provos, contrapondo o uso constantemente atual da apropriação simbólica da bicicleta branca como representação do ciclista morto, colocada de forma antagônica quanto ao seu contexto histórico. Sua proposta inicial levantava críticas, questionamentos e reflexões sobre os aspectos políticos e culturais referente à mobilidade urbana e social na década de sessenta na cidade de Amsterdã.



Figura 7: Ação TRANSITOSitus (2013).

Na cidade de Berlim (Alemanha), o projeto BikeSurfBerlin⁶ de compartilhamento de bicicletas obteve uma relação similar com o da ação TRANSITOSitus.

6. BikeSurfBerlin: <http://bikesurfberlin.blogspot.com.br/>, acessado em: Nov.2013.

Seu funcionamento procede ao usuário se cadastrar no site do projeto, por via de computador ou celular; a pessoa verifica pontos de compartilhamentos onde as bicicletas estão localizadas, informando o seu pedido para utilizar o serviço. Após alguns minutos o usuário recebe uma mensagem no seu celular ou e-mail sobre o código para destravar o cadeado que prende a bicicleta, o qual dará acesso à utilização do serviço por tempo indeterminado, devolvendo ao final do dia a bicicleta em bons estados.

O projeto foi idealizado pelo irlandês Graham Pope, que questionava o valor alto aluguel de bicicletas na cidade de Berlim. O sistema é elaborado por intermédio de doações. O sistema funciona por toda cidade de Berlim, cidade com mil quilômetros de ciclovia, o que facilita o uso da bicicleta.

No Brasil, o Estado se coloca negligente ao promover Políticas de Mobilidade Urbana, com o foco na bicicleta ou em meios alternativos.

A concepção do neoliberalismo sobre a globalização tem contribuído fortemente para o processo de privatização dos espaços públicos. A gradual eliminação de pessoas nos espaços públicos urbanos e crescente isolamento em seus interesses privados, é solidificada pela compressão espaço-tempo e desterritorialização dos processos produtivos e comunicacionais.

A hegemonia do transporte motorizado individual fortalece a indústria automobilística, transformando as áreas urbanas em lugares de passagem. Os automóveis predominam no imaginário dos planejadores urbanos. Avenidas, rodovias, túneis e pontes tornam-se sinônimos de progresso na cidade.

O espaço público está ocupado por construções que têm como finalidade exclusiva melhorar o tráfego dos grandes centros urbanos. Entretanto, no Brasil, segundo dados do Denatran, nos últimos 10 anos a frota nacional passou de 24 milhões para 56 milhões de veículos. Além de contribuírem para a exclusão das pessoas dos espaços públicos, os automóveis, sobretudo os particulares, estão entre os principais emissores de poluentes, constituindo-se num “apocalipse motorizado” (LUDD, 2004, p.48).

As ruas, que simbolizam o espaço da diversidade, do encontro, das relações humanas, foram radicalmente esvaziadas da presença das pessoas, comprometendo, assim as múltiplas dimensões da sociabilidade humana.

Ao analisar a ação TRANSITOSitus, nota-se que no Campus Universitário da Unesp de Bauru a inclusão de políticas de acessibilidade entre normas e leis de trânsito referente a estacionamento, velocidade e direcionamentos; entretanto não existem políticas de mobilidade urbana, tampouco estruturas de ciclovias para os ciclistas que se deslocam de suas residências para universidade, na cidade de Bauru.



Figura 8: Ação TRANSITOSitus (2013).

O Campus Universitário na cidade de Bauru da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, UNESP/BAURU, possui uma área total de 456,68 hectares e 71.087,52 m² de área construída, entre salas de aulas, laboratórios, biblioteca, departamentos de ensino e áreas administrativas. Atualmente possui 416 docentes e 496 servidores, atendendo diariamente a mais de 7.000 alunos⁷.

Nota-se que grande parte dos servidores, discentes e docentes desloca-se no campus universitário por meio de veículos motorizados. Isso reflete o alto fluxo de automóveis no espaço geográfico da universidade, resultando no comprometimento da estrutura geográfica e na mobilidade no cotidiano do campus universitário. Percebe-se que o automóvel particular em deslocamento, ou estacionado, ocupa uma área espacial, interferindo de maneira significativa sobre o espaço coletivo.



Figura 9: TRANSITOSitus (2013).

7. Informação retiradas do site: <http://www.bauru.unesp.br/>, acessado em: 13 de Jun. 2013.

A ação poética indica que para pequenos e médios deslocamentos, entre três e cinco quilômetros, utilizar a bicicleta acaba sendo mais prático e viável do que andar ou usar transporte coletivo ou privado. Transitar de bicicleta permite estar no território, vivenciando a cidade de outra maneira durante o seu deslocamento, proporcionando ao sujeito uma percepção urbana e ambiental, além do conhecimento de seu corpo coletivo e singular. O incentivo do uso da bicicleta possibilita ampliar a mobilidade social, e seu incentivo também se dirige à Política de Saúde Pública.

Durante os dois meses de intervenção do uso da bicicleta no campus, vale ressaltar que não ocorreram nenhum roubo ou furto do objeto. A ação TRANSITOSitus apresentou a construção de uma consciência generalizada da importância do uso da bicicleta, integralizada no espaço onde aconteceu a intervenção, permitindo no cotidiano do Campus Universitário da UNESP/Bauru o seu uso como mobilidade urbana permanente.

Considerações Finais

As possibilidades ficcionais manifestadas pela arte são transgressoras quanto a seu objetivo de conhecer, modificar e transformar a realidade humana. O conhecimento da linguagem é fundamental para proporcionar tal transformação, assimilado com as concepções de territorialidades.

A influência do sistema capitalista e o domínio do Estado, em sua apropriação do território, estabelecem à sociedade hábitos pragmáticos consolidados entre si, propostos na sociedade de massa como meio de trabalho e diversão, produtos e consumidores, e condicionam o sujeito nas relações de poder e controle influenciados pelo capital.

As territorialidades designam codificações, além de suas estruturas funcionais e visíveis, e também simbólicos citados nos conceitos de psicogeografia e na T.A.Z., relacionando práticas artísticas no espaço público e possibilitando novas percepções de espacialidades, como meio de constituir território coletivo. Consiste o território um dos principais instrumentos de libertação social, e seus meios de apropriação permitem produções e desenvolvimento de substâncias materiais e imateriais na vida social.

O projeto “Ilhas de Croatã” propôs, por meio de um imaginário coletivo, uma alternativa de criar uma realidade não controlada e limitada pelo Estado ou Instituições de poder e controle, inserindo a arte nos fluxos de passagem e encontro entre as relações e diferenças no campo social. Promove a difusão da arte de forma poética no espaço coletivo em aspectos políticos e estéticos, como na ação TRANSITOSensorium em múltiplos processos de troca e conexão com ambiente em forma de um rizoma. Na ação TRANSITOSitus difunde-se o uso da bicicleta como meio alternativo de mobilidade urbana, ampliando a mobilidade social. É de fundamental importância a inclusão entre a proposta e o território, e a intervenção apresentou-se como uma forma livre e democrática na apropriação e relação do público com a arte.

As ações poéticas aconteceram de forma integralizada no campus universitário da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” e na cidade de Bauru, possibilitando em sua vivência uma reconexão do sujeito com o território, o que potencializou uma transversalidade cultural na reinvenção da cidade e do espaço coletivo.

As concepções territoriais conectadas com arte valorizam as relações do campo social em vez do objeto em si, principalmente nas relações sociais.

Portanto, nos processos criativos da arte contemporânea, existe um campo aberto às investigações com base em cruzamentos singulares que envolvem questões conceituais, invenções de procedimentos diversos, concepções de modos de apresentação, de exposição, e estratégias de circulação, que são gestados no âmbito de cada projeto artístico. Promove assim uma hibridação nas relações humanas, nas quais o artista se torna uma espécie de ativista, e a arte, uma guerrilha cultural.

Referências

- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.
- BERENSTEIN, J. **Apologia da deriva**. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003.
- BEY, H. **T.A.Z.: zona autônoma temporária**. São Paulo: Conrad. 2001.
- CANCLINI, E. N. G. **Culturas híbridas**. São Paulo, Edusp, 1989.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34 v1- v5, 1995.
- FLUSSER, V. **O Mundo Codificado: por uma filosofia do design e da comunicação**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- GUARNACCIA, M. **Provos: Amsterdam e o nascimento da contracultura**. São Paulo: Conrad, 2001.
- GUATTARI, F. **Caosmose**. Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras, 1992.
- INTERNACIONAL SITUACIONISTA. **Situacionista: teoria e prática da revolução**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2002.
- LEFEBVRE, H. **A Produção do Espaço**. Trad. Grupo "As (im)possibilidades do urbano na metrópole contemporânea." Belo Horizonte, 2006.
- LEMOS, A. **Ciberespaço e Tecnologias Móveis. Processos de Territorialização e Desterritorialização na Cibercultura**. CNpQ, 2006.
- LUDD, N. (org.). **Apocalipse Motorizado: A tirania dos automóveis em um planeta poluído**. São Paulo: Conrad Ed. do Brasil, 2004.
- SILVA, R. A. **Plataforma Ilhas de Croatã**. Disponível em: <http://ilhascroata.tumblr.com/>. Acessado em: 07 jun. 2013.
- THOREAU, H. D. **Walden**. (Trad. Denise Bottmann). Porto Alegre, RS: L&PM, 2010.
- HAESBAERT, R. O mito da desterritorialização e as "regiões-rede". **Anais do V Congresso Brasileiro de Geografia**. Curitiba: AGB, 1994, pp. 206-214.

HAESBAERT, Rogério. Da desterritorialização à multiterritorialidade. In: Congresso de Geógrafos da América Latina, 5. São Paulo. **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina**, São Paulo: USP, 2005. Disponível em: <http://www.planificacion.geoamerica.org/textos/haesbaert_multi.pdf>. Acesso em: 15 de ago. 2013.

PENN, S. Filme *In to the wild*. EUA, 2007.

Autores

Richard Augusto Silva

Graduado em Artes Visuais
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMPI
Bauru, São Paulo, Brasil
richardaugusto.ra89@gmail.com

Dorival Campos Rossi

Doutor em Comunicação e Semiótica
Universidade Estadual Paulista – UNESP Bauru
Bauru, São Paulo, Brasil
bauruhaus@yahoo.com.br

José dos Santos Laranjeira

Mestre em Artes Visuais
Universidade de Barcelona
Bauru, São Paulo, Brasil
laranjeira.jose@gmail.com